

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

Ana Virginia Ribeiro Machado¹, Belo Horizonte, Minas Gerais

Resumo: No presente artigo, proponho um encontro entre a minha experiência no mundo das artes e o método analítico proposto por Bion na clínica psicanalítica. Assim, recorro ao meu trabalho de pós-graduação em *Arte Contemporânea*, na Escola Guignard, entre 2005 e 2006, e ao meu aprendizado no curso de especialização em *Psicoterapia Vincular Dialética, de Freud a Bion*, realizado durante dois anos, 2011 e 2012. Tive como coordenador o professor José Lippi, que trouxe excelentes convidados, de todo o Brasil, entre eles: Antônio Rezende, Deocleciano Alves, Luiz Carlos Junqueira Filho, João Carlos Braga, Roosevelt Cassorla e Cláudio Castelo Filho (SBPSP); Arnaldo Chuster e Luiz Py (SBPRJ); David Zimmerman (SBPRGS); Jorge Paprocki (UFMG); Sergio Kehdy, Gisele Brito (SBPMG). Foi um curso que me proporcionou muita reflexão e profundidade, com a presença de professores experientes, com anos de prática e estudos psicanalíticos, dando ênfase maior à teoria de Bion, trazendo conceitos e temas importantes para a compreensão dessa nova forma de se fazer Psicanálise, possibilitando a incorporação e assimilação desse aprendizado, destacando-se o encontro provocado pela busca da verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Bion; Pintura; Transformações; Arte; Experiência emocional.

1 Graduada em Psicologia, pela UNIFOR, Universidade de Fortaleza. Pós-Graduada em Arte Contemporânea, pela Escola Guignard; aperfeiçoamento em Psicanálise Winnicottiana, pela SBPW; e em Teoria de Bion, pela UFMG/ABTOS. Candidata em formação Psicanalítica da SBPMG.
Endereço: Av. Agulhas Negras, 745, Mangabeiras, Belo Horizonte, Minas Gerais – CEP 30210-340.
Telefone: (31) 98809-6971. E-mail: anamachadobh@yahoo.com.br.

Introdução

Imaginei poder transmitir a capacitação do pensar, ou da expansão do universo mental, que o estudo de Bion proporcionou-me. Fiquei mais atenta em observar, refletir e pensar, principalmente com relação ao processo e às dificuldades, no aqui e agora. Entendendo que o vínculo é fundamental no desenvolvimento da personalidade do ser humano, que só se constitui, a partir de um outro, na inter-relação do bebê com seu cuidador, o qual precisa ter a capacidade de conter as angústias primitivas, ainda não nomeáveis, advindas da predominância de tensão na área do corpo ou na área da mente.

Cada professor trouxe a importância do analista em ser mais humano, menos dono do saber, colocando-se durante a sessão como uma pessoa com sentimentos, emoções e intuições, capaz de sentir e observar o que ocorre durante o atendimento. O analista, com seu paciente, passa a formar uma dupla, conseguindo um clima propício para que ocorram vínculos e, conseqüentemente, a vivência de uma experiência emocional, diferente da técnica tradicional, preocupada em diagnosticar, ou na capacidade de interpretar do analista, em que a distância e a neutralidade são tidas como fundamentais, para garantir a habilidade de codificar os conflitos por trás do discurso do paciente.

O trabalho está relacionado com esta minha experiência na pintura em tela e com o interesse grande que senti pelos conceitos trazidos pelos professores no curso relacionado à teoria de Bion. No momento de escolher o tema, tive o interesse em reler meu trabalho anterior de conclusão do curso de arte e percebi o encontro dessas duas aprendizagens na minha vida; ademais, por conta da sensação que sentia ao me deparar com os vários conceitos que pareciam nomear os pensamentos que já faziam parte da minha história. Zimmerman (2004) afirma que “[...] a função conhecer (ou saber) é, pois, uma atividade pela qual o indivíduo chega a ficar consciente da experiência emocional, tira dela uma aprendizagem e consegue abstrair uma conceituação e uma formulação dessa experiência.” (p. 160).

Ao pensar neste trabalho sobre um possível diálogo entre a produção pictórica e a teoria de Bion, procuro provocar o leitor, trazendo partes do texto relacionado ao meu trabalho artístico e textos do próprio Bion ou dos seus seguidores, para que se possa fazer uma relação entre eles, não havendo o interesse em explicar, ou aprofundar os conceitos teóricos. Meu objetivo é fazer uma interlocução ou uma aproximação dos dois processos mencionados. Segundo Zimmerman (2004),

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

Mais marcadamente a partir de Bion, o analista é considerado, não mais do que uma pessoa, bastante treinada e preparada que, junto com outra pessoa, o paciente, constitui o campo analítico, isto é, uma mútua e permanente interação, na qual cada um influencia e é influenciado pelo outro [...] Assim, a evidência de que a relação analítica é de natureza vincular dialética mudou significativamente o perfil do analista contemporâneo. (p. 22).

Com essa nova visão da Psicanálise, menos rígida, progredi da arte para o estudo a que estava me propondo, em que o encontro com a pintura se transformou em um encontro com o ser humano. A possibilidade de poder acompanhar “o outro” no seu processo para um possível crescimento, com autenticidade e liberdade no encontro, foi o empurrão que eu precisava para voltar à profissão como psicóloga/psicanalista.

Ressalto as significativas mudanças ocorridas no perfil do psicanalista na teoria de Bion, descritas desta forma por Zimmerman (2004):

Em relação ao primário vínculo da mãe com o filho (equivalente ao analista com seu paciente), Bion aprofundou a importância da função rêverie materno, a função de continente da mãe (ou analista) ter condições de acolher e conter as necessidades e angústias que, por meio de excessivas identificações projetivas, os filhos (pacientes) colocam dentro dela. Assim, representa um fundamental avanço técnico a noção de que o analista deve, acima de tudo, ter desenvolvida essa capacidade de continência, para que, além de conter a carga nele projetada, também possa decodificar o seu significado, dar um sentido e devolver para o seu paciente, devidamente desintoxicada e, sobretudo, nomeada. (p. 41).

Entendi que, para Bion, é importante o analista tomar consciência dos próprios sentimentos, de maneira que possa acompanhar o que se passa durante a análise e viver um encontro verdadeiro, uma experiência emocional e, com isso, possa proporcionar uma expansão mental em ambos, em que as emoções terão espaço para ocorrer de forma intensa e segura, possibilitando transformações, muitas vezes, decorrentes das invariantes presentes na sessão terapêutica.

Os ensinamentos chegavam de forma harmoniosa. Era estranha a sensação que eu tinha de interesse e proximidade com os conceitos e com as novas descobertas apresentadas; sentia como algo familiar.

Ana Virginia Ribeiro Machado

Percebi uma semelhança com minha experiência no mundo das artes, que incluía a prática da pintura em tela, e o trabalho intitulado *Natureza Viva*, que escrevi para a conclusão da especialização na Escola Guignard. Nesse memorial descritivo, tentei apresentar a expressividade que tomava conta das minhas pinturas, priorizando não o interesse de fazer uma leitura ou desnudar o conteúdo do quadro, mas discorrer sobre caminhos e encruzilhadas que são essenciais e individuais para que cada artista consiga criar sua obra.

Isto faz menção ao estado de envolvimento e transpiração presentes no ato de pintar, como acredito acontecer numa sessão analítica, em que a verdade nunca é um saber absoluto, mas uma viagem de descoberta, uma entrada num labirinto.

É importante colocar que o trabalho pictórico que faço alusão, não é uma pintura acadêmica, que siga uma rigidez, uma busca por perfeição, mas um trabalho livre, vivo, possível de acontecer, por estar mergulhado em emoções e sentimentos que surgem no momento do fazer. Uma *Natureza Viva*, dando ênfase aos cortes e aos restos de possíveis frutas, com opções variadas na escolha da pincelada, perdida em tiras, reflexos e repetições, ficando a imagem diluída em diferentes formatos. Meu objetivo é deixar as marcas do inacabado, abusando das cores e das figuras, das possíveis relações entre elas, provocando suas misturas ou invasões do espaço uma das outras, como se falasse da ruptura brusca que a humanidade passa, das perdas e fragmentos a que estamos expostos. Uma fruta que não é apenas uma fruta, colocada num contexto flutuante, porém representando a força e a beleza de sua forma e aparência, conseguindo uma nova realização. (Machado, 2006, p. 8).

Foi mais um aspecto do fazer artístico que se mostrou semelhante ao pensamento de Bion, ideia que traz a importância da transformação. Na arte, o que é visto ou tido como tema é apresentado de forma diferente na tela, uma representação, uma nova forma de se fazer presente, por meio das transformações sofridas no processo do fazer pictórico.

O mesmo, acredito, pode ocorrer na sessão analítica, com o paciente e seu encontro com o analista, do conteúdo sendo contido por um continente, na possibilidade da transformação de elemento beta em elemento alfa, a partir da função alfa, que acolhe e dá sentido, até que o paciente possa introjetar e ter sua própria capacidade continente.

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

Os expoentes dessa atividade são homens vivos, e a atividade deles está sujeita a todas as correntes entrecruzadas da vida. Notam-se três estádios: primeiro, simples percepção de qualidades materiais – cores, sons, gestos e reações físicas mais complexas e indefinidas; segundo, a distribuição de tais percepções em formas e arranjos agradáveis; terceiro estágio que se apresenta quando tal arranjo de percepções se torna capaz de corresponder a um estado emocional ou sentimento que existia anteriormente. Então se diz que se deu expressão a emoção ou sentimento. Neste sentido é verdadeiro dizer ser a arte expressão [...] (Read, 1978, p.23)

Tanto na arte, como na Psicoterapia existe algo que não é alterado e, por isso, possível de ser reconhecido. Bion (2004) diz: “Uma interpretação é uma transformação para mostrar as invariantes, uma experiência sentida e descrita de um modo, é descrita de outro” (p. 17). E complementa:

A tarefa é descobrir quais são as invariantes em psicanálise, e qual é a natureza do relacionamento que estas invariantes mantêm entre si [...] É necessário haver algo, na descrição verbal da análise, que seja invariante [...] Para o meu objetivo, é conveniente considerar psicanálise como pertencente ao grupo de transformações. A experiência original, a realização- no exemplo do pintor, o tema que ele pinta, e no exemplo do psicanalista, a experiência de analisar seu paciente – é transformada. Na pintura é transformada num quadro; na análise, em uma descrição psicanalítica. (Bion, 2004, p. 17-18).

Para demonstrar que a arte, assim como a análise, interage com a história de vida de cada um e com o mundo em que está inserido, trago a história de vida, que faz parte desse trabalho de 2006 relacionado às artes. Dessa forma, busco trazer a experiência que tive durante minha infância, memórias que tiveram relação e importância com a escolha deste tema a ser questionado nas minhas pinturas.

Quando jovem, eu residia numa casa com quintal, com uma grande variedade de árvores frutíferas. No tempo livre, sempre me encontrava subindo e brincando em suas copas, com a intenção de escolher as melhores e mais maduras frutas, chegando a saboreá-las no próprio local; o cheiro que exalava era maravilhoso, meus olhos brilhavam com as cores diferentes de

cada uma delas. Se fosse manga, ou seriguela, ficava a observar as diferentes tonalidades que existia, de acordo com seu amadurecimento; já a pitanga, tinha um vermelho china, acentuado pela pequena folha verde limão, que completava seu charme; o jabolão, conhecido por mim como azeitona, com sua cor roxa, quase preta quando madura, destacava-se por deixar a árvore repleta de frutas e pela marca no chão quando elas caíam e estouravam, ficando o magenta espalhado e as cascas pretas ao lado, compondo a imagem. Quantas pessoas já se deitaram ou não, na sombra de um cajueiro ou se divertiram em seus galhos ou troncos, depois saborearam o caju, com seu suco escorrendo pelos dedos! Chega a doer, a sensação de felicidade ao conseguir lembrar minuciosamente da época que andávamos, eu e minha irmã, nas estradas de terra, parando e nos deliciando, com tais aventuras. As cores variavam entre o laranja, o vermelho e o amarelo, às vezes solitárias e puras, outras vezes, se misturando e formando a fruta. A castanha, sempre verde acinzentada, se transformando em sombra natural ou marrom escuro, quando torrada e depois de descascada, transformada em amarelo Nápoles. Penso em Clarice Lispector, que diz: “Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina, que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher e seu amante.” (1998, p. 12). (Machado, 2006, p. 10).

Tomei consciência de tão distante estava da natureza, de suas riquezas, das lições aprendidas no seu convívio, no viver intensamente. Observei o valor do aprendizado conseguido pela experiência, mantendo-se presente na minha memória e no meu ser. São vivências que aconteceram e foram importantes para enriquecer a realidade presente, favorecendo as diferentes perspectivas e visões acerca de um fato novo.

Era apenas uma criança brincando, arriscando-se, vencendo desafios e comendo frutas, mas, depois, tais vivências foram percebidas como propiciadoras do amadurecimento pessoal e de possíveis transformações no caráter e, conseqüentemente, na formação da personalidade. Faz-me pensar no “aprender com a experiência” e na importância de viver de forma inteira cada momento.

Experiência de recordar, momento de reflexão, de um pensar, de misturar-se a um novo conhecimento adquirido, tornando o enredo e o contexto cheios de significado, com a possibilidade de nomear cores, visões, cheiros; enriquecendo o fazer pictórico com sentimentos e emoções; conseguindo nova “realização”, devido à importância do contato com

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

algo desconhecido, que estava buscando entender e apreender; tornando o quadro, assim com uma sessão, um resultado expressivo de uma experiência emocional, que ocorre entre o artista e seu material, ou entre o analista e seu paciente.

Em busca de tentar demonstrar uma relação entre a produção pictórica e a Psicanálise baseada na teoria de Bion, trago um trecho do meu trabalho escrito sobre o fazer artístico, em que encontro algo que percebo como equivalente ao que ocorre numa sessão analítica:

No início tenho a imagem na cabeça do que quero para o trabalho e repentinamente algo vai acontecendo e mudando o rumo proposto, a própria pintura direciona minhas pinceladas. Na medida em que o quadro vai sendo elaborado, as ideias e intenções vão se enriquecendo, alguns erros e acasos transformam-se em causas para complementar, enriquecer ou coordenar o pensamento. (Machado, 2006, p. 15).

Na relação do paciente com seu analista, no momento da sessão, vivência, emoção, sentimentos e conhecimentos estão todos funcionando para uma busca da verdade e da transformação possível para se chegar nela. A verdade é o oxigênio da mente, relaciona-se com a busca do conhecimento, enquanto a arrogância cria o campo da mentira, da certeza, evitando a transformação. Bion saiu da explicação, da relação causa e efeito linear e deu ênfase ao modelo espectral, das incertezas, dando importância à experiência emocional, a importância dos vínculos L, H e K (amor, ódio e conhecimento), tanto na sua forma positiva, como na negativa (-L, -H e -K), constituindo o encontro entre duas pessoas, sem a necessidade de compreensão, sem o desejo de curar, sem a busca de memória. Diz Arnaldo Chuster (1996):

Como em Keats, encontramos em Bion, um compromisso marcado pela concepção da experiência emocional, em que o discurso revela como esse compromisso gera o significado. Este é gerado pela percepção do mundo interno, pelas emoções, e não pela percepção do mundo externo. (p. 13).

Essa relação que necessita de dois para haver um encontro dessa natureza é, do mesmo modo, a relação do artista com seu material, em que encontramos um vínculo, uma confiança, um contato entre o pintor, sua palheta, seus pincéis e a própria tela, algo semelhante ao encontro verdadeiro e necessário para uma psicoterapia.

Ana Virginia Ribeiro Machado

Amor, ódio e conhecimento, todos presentes no fazer artístico, dentro de um espaço que possibilite esse momento, tendo como resultado a produção da obra de arte, que nasce, às vezes, de um tema, ideia, ou esquema, mas que, durante o processo, vai sofrendo mudanças e transformações que ocorrem de forma semelhante, porém de maneira complexa no caso do trabalho analítico. “O tipo de transformação vai depender do analista e de sua avaliação das demandas da situação analítica”. (Bion, 2004, p. 19).

Para tentar explicar o nascimento dessa ideia de fazer uma aproximação dos dois processos aqui mencionados, é importante se pensar no primeiro momento da mãe com seu bebê, no conceito de preconcepção de Bion, quando o recém-nascido imagina algo que não sabe o que é, procura às escuras, mas que, com a presença do objeto (seio/mãe) que é colocado ao seu alcance, que seria a própria realização, vai se formando a concepção ou o conceito. Foi como descobrir que anos atrás já havia dentro de mim um entendimento ou pensamento relacionado a está nova teoria. Percebi o porquê de sentir-me tão à vontade com as ideias, de ficar tão encantada com as aulas do curso e com o material trazido por cada professor. Penso nesse trabalho escrito anteriormente, como o “pensamento já existente, a procura do pensador”, que pode ser elaborado, decodificado, nomeado pelos aprendizados de hoje, chegando a um significado maior para mim mesma.

Arnaldo Chuster (1996) afirma: “O movimento da preconcepção é a busca de uma realização para dar à luz uma concepção. Essa realização, por sua vez, é decorrente de uma função, que Bion chama de função alfa” (p. 29). Essa função alfa se ocupa da investigação do pensar e da aprendizagem por meio da experiência emocional e do aprender com a experiência, transformando os elementos beta em alfa, criando nas pessoas os elementos alfas, percussores da memória, do pensar inconsciente de vigília, dos pensamentos oníricos, dotados da capacidade de se articularem. O paciente traz um material bruto, o cascalho, “aquele que entra e sai”, tido como elemento beta, aquele no qual o analista buscará as pedras preciosas, elemento alfa, ouro puro, “que entra e fica”, que serão utilizados durante a análise, de acordo com o vínculo criado pela dupla e pelo momento oportuno para as colocações. Cria-se aí a possibilidade de alcançar a expansão mental decorrente do encontro, a transformação não só do que é trazido, mas dos próprios integrantes, propiciando um entendimento maior da dupla, analista e paciente, ocorrido no momento presente da sessão.

Falando de arte, cito um trecho do meu trabalho de pós-graduação:

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

A pesquisa que realizo neste momento propõe uma poética que usa a pintura como expressão de reações emocionais com o nosso próprio interior e com o mundo que nos cerca, manipulando e modificando o fazer artístico para realizar um produto que seja possível pela autoidentificação com a experiência e com o material usado. Gosto de pintar as diversas possibilidades e maneiras de ver um objeto já conhecido, criando diferentes perspectivas, situações e funções que estes podem estarem inseridos. Utilizando a cor como ritmo, como emoção, causadora das mais variadas distorções e percepções existenciais. Partindo desta questão, sinto-me confortável para pintar de uma maneira fragmentada, onde a essência parece perdida no meio de tanta informação e contradição, mas a cor e a expressividade estão sempre presentes, como invariantes. (Machado, 2006, p. 8).

Para o artista, o tema que ele pinta é transformado no momento em que, estando num ambiente propício e focado para a sua produção artística, em contato com todas as suas ferramentas de trabalho, consegue, por meio da vivacidade, de estar presente, inteiro, sentir perceber e despertar algo que não era esperado e, com isso, transformar. A relação que faço da pintura com a prática clínica não enfatiza a importância da tela ou do artista, ou do paciente ou analista, mas do momento exato da produção artística, com seu dinamismo, transformações, encontros, emoções. Assim, no exemplo do psicanalista, sua experiência de analisar seu paciente é transformada e, ao mesmo tempo, é transformadora, pois a interpretação mostra as invariantes, as experiências sentidas e descritas de um modo, sendo desenvolvidas e descritas de outra maneira, devido ao impacto ocorrido no encontro entre analista e o paciente, não permitindo que a ideia advinda no momento passe despercebida. Nesse sentido, segundo Bion (2004):

Do mesmo modo que há certas propriedades geométricas invariantes em projeção e outras que não o são, também existem propriedades que são invariantes em psicanálise e outras que não o são. A tarefa é descobrir quais são as invariantes em Psicanálise, e qual é a natureza do relacionamento que estas invariantes mantêm entre si [...] É necessário haver algo, na descrição verbal da análise, que seja invariante...Para o meu objetivo, é conveniente considerar psicanálise como pertencente ao grupo de transformações. A experiência original, a realização – no exemplo do pintor, o tema que ele pinta, e no exemplo do psicanalista, a experiência de analisar seu paciente – é transformada. Na pintura é transformada num quadro; na análise, em uma descrição psicanalítica. (p. 17).

Ana Virginia Ribeiro Machado

O artista, com sua técnica, conhecimento já adquirido, sua maneira individual de se expressar, sua palheta de cores e ritmos diferenciados na pincelada e suas sensações presentes no momento do fazer pictórico, na hora que se depara com o tema escolhido, o qual ele gostaria de representar, ou como diria Bion, com a “[...] experiência original, a realização, consegue uma transformação”. No momento que começa o trabalho artístico, a visão, sensação, sentimentos, intuição vão se encontrando, misturando-se, e as próprias pinceladas vão dirigindo o processo. Algo aparece, ganha vida, estando além do seu objetivo inicial, que se perde no momento da “transformação”, que acredito só ser possível quando existe liberdade de deixar ser levado pelo momento, de forma intensa, sem o desejo de acertar, sem a preocupação com a utilização da técnica propriamente dita ou fixada ao tema inicialmente proposto. Mesmo assim, fica algo que nos faz reconhecer o aspecto que não pode ser alterado. Faço relação com o termo “invariância”, que penso como fato selecionado de uma sessão analítica.

O paciente, nos seus contatos externos com seus familiares e no convívio social e profissional, leva consigo uma nova capacidade de pensar, de elaborar e de se relacionar, modificando sua conduta, tanto nas resoluções simples, como no ato de existir. O conhecimento ocorrido em análise possibilita o amadurecimento e crescimento do indivíduo e do analista. Cito Richerd Wollheim, em seu livro *A pintura com arte*:

Falei em ver um menino numa parede manchada, bailarinas numa vidraça embaçada, um torso ou um grande maestro Wagneriano nas nuvens. Porém, há outras situações em que enxergamos um sólido irregular numa folha de metal oxidado, ou uma esfera nos ramos desfolhados de uma árvore, ou apenas espaços numa parede toscamente preparada [...] No primeiro exemplo, falei em “menino”, “dançarina” e “torso”, ou seja, usei conceitos figurativos. No novo exemplo, usei “sólido irregular”, “esfera” e “espaço”; quer dizer, utilizei conceitos não figurativos ou abstratos [...] Embora ambos os tipos de visão sejam exemplos genuínos do “ver em”. O primeiro pavimenta o caminho de uma arte representacional figurativa, o segundo o de uma arte representacional abstrata. (Wollheim, 2002, p. 62).

A importância dessa ideia de “ver em” não se relaciona apenas com a arte, mas com a capacidade do analista no ato de analisar. Tanto a obra de arte, como uma boa sessão analítica só acontecem quando ambos estão envolvidos como um só, sentindo, percebendo e podendo pensar juntos ou, poderíamos dizer, sonhando juntos, o sonho não sonhado.

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

Acredito que, tanto na arte, como na análise, a configuração utilizada deve ser o “nós”, com relação ao artista e sua tela, ou do analista com seu paciente, conseguindo, no momento que estão juntos, um vínculo que propicie uma confiança para se viver emoções, pensamentos, sentimentos, deixando acontecer o imprevisto e se utilizando dele para pensar, intuir. Com isso, dando oportunidade de aparecer o novo, em que o conceito da interação entre a dupla está baseado na noção de vincularidade, na qual o analista deixa de ser unicamente um observador ou decifrador e passa a ser um participante ativo, de modo que cada um influencia e é influenciado pelo outro. Arnaldo Chuster (1996) faz a seguinte colocação:

As posições finais de Bion praticamente descrevem a clínica psicanalista como uma clínica da onipotência que atinge tanto o analista quanto o analisando. Equivale dizer que é uma clínica da turbulência emocional, pois a onipotência nasce da dificuldade em tolerar a diferença da realidade. E a realidade tomada na experiência do pensamento é um confronto entre finitude e infinitude, através da linguagem. Essa formulação nos coloca de volta à posição de Bion sobre os tipos de transformações que ocorrem na prática analítica, como sendo fundamentalmente do grupo das transformações artísticas. Portanto a psicanálise como a arte é algo que pode ser aprendido, mas não pode ser ensinado [...] Técnica analítica só é técnica quando possui o sentido originário da palavra, a “techné” encontrada em Homero, significando trazer a existência, fazer ser o que não é [...] (p. 30).

A obra de Bion conduz ao conflito entre investir na segurança de uma coisa já pensada e em algo arriscado, incerto, vulnerável, na paciência em criar, ficando em segundo plano o que é conhecido e certo. Com isso, trago um parágrafo do meu trabalho *Natureza Viva*, em que tento explicar o momento da pintura para mim:

Durante o processo de pintar uma tela, sinto-me inicialmente como se estivesse enfrentando a mim mesma, precisando de um tempo, durante o qual fico a olhar o vazio, sem saber como, ou por onde começar mesmo tendo feito um esboço, do que gostaria de apresentar naquele suporte. (Machado, 2006, p. 14).

Ana Virginia Ribeiro Machado

Cada sessão analítica é um processo semelhante à pintura de uma tela, precisa existir um envolvimento intenso, em que a mistura está presente, no qual terapeuta e paciente trabalhem juntos, ajudando-se mutuamente; não há lugar para certezas, mas para devaneio, no sentido de deixar a verdade aparecer. Qualquer comunicação do analisando deve ser percebida de forma que o analista busque entender ou sentir o que isto quer dizer, aqui e agora. Em outras palavras, a pergunta é sempre por que essa pessoa vem até aqui me comunicar nesse momento o que acabou de fazer ou fazer isto que acabou de fazer. A transferência, segundo Bion, passava a ser um fio condutor para a percepção do analista sobre o processo terapêutico.

Para concluir, gostaria de descrever uma fábula,

Certa vez, três cegos de nascença resolveram caçar um gato que varava as noites miando estridulamente junto à janela. Queriam lhe dar uma sova, para afastá-lo da vizinhança, mas também pretendiam apalpá-lo, para descobrir que forma tinha o corpo do insistente cantor que os impedia de dormir [...] Não contavam, porém com a agilidade da presa; quando abriram a porta da armadilha, o gato escapuliu, só dando tempo a cada cego para tocá-lo de leve. O cego cuja mão percorrera o dorso do gato em fuga, disse: – Ele é felpudo e plano, deve parecer um tapete. O outro, que agarrara por apenas um instante o rabo do gato, corrigiu: – Não, ele é longo e roliço, sem dúvida é uma cobra peluda. Gemendo de dor, por causa das unhas e arranhões, o terceiro cego, em cujo braço o fugitivo cravara as garras ao dar o salto, protestou: – Felpudo, coisa nenhuma, é áspero e cortante como um espinheiro. (Costella, 2002, p. 13).

O conteúdo da obra de arte, assim como o conteúdo de uma análise, é como o gato da fábula, composto de vários elementos e pontos de vista diferenciados, devendo o conjunto como um todo ser observado sem nenhuma influência externa que possa interferir no trabalho do observador. Acredito que o mesmo aconteça com os analistas que seguem a visão de Bion,

[...] de começar uma escuta o mais próximo de um estado vazio, dissolvendo os tempos verbais: memória e desejo. Tais desejos corroem a capacidade que o analista tem para analisar e fazem deteriorar progressivamente sua intuição. Se a mente do analista ficar ocupada com aquilo que é ou não dito; ou aquilo que ele espera ou não espera, isto significa que o analista não está permitindo que a experiência irrompa, especialmente no aspecto que vai além do som da voz do paciente ou da visão de suas atitudes. (Bion, 2006, p. 55).

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

É muito interessante pensar nesta preocupação de Bion, de esclarecer sobre a necessidade de o analista não deixar que desejos e memórias atrapalhem sua clínica, favorecendo o tempo vivido e o conteúdo que nasce na sessão. Isso porque, o desejo nos remete ao futuro e a memória ao passado, sendo o presente o que realmente temos para trabalhar e poder transformar. Para explicar melhor, cito Arnaldo Chuster (1996), falando sobre Bion promover uma psicanálise moderna:

Por outro lado, adotando um discurso da negatividade lógica, a expressão sem memória e sem desejo, além de retirar o significado comum das palavras, faz com que exista a busca de um sentido oculto que a gramática não pode alcançar...Afasta da mente a memória e o desejo, significa focalizar a realidade psíquica imediata, para que ela seja fonte observável das surpresas que nos prepara o inconsciente. O fenômeno central da psicanálise expressa um testemunho verídico do Ser, mas suas imagens não são palpáveis, visíveis e audíveis. Não são diretas, são evidenciáveis pelas palavras, pelos gestos. Da verdade temos reflexos, nuances, vislumbres. Por isso, temos de contar com o que é intuído. Memória e desejo interferem na intuição pelo simples fato de que são atividades com grande afinidade sensorial. Como na poesia, podemos associar a atividade analítica com as palavras “fusão de crer e ver”. Para ser mais específico, como diz Bion (1970), trata-se de um ato de fé. (p. 17).

A grande magia de um trabalho, artístico ou analítico, é ser produzido e contemplado por um ser pensante, complexo e envolvido em experiências e sentimentos, tendendo a provocar uma verdadeira trama de semelhanças, que no pensamento se articulam completando ou limitando umas às outras, mas tornando rica sua própria existência. É a grande diferença da pintura pronta e acadêmica, uma cópia, que acaba com o sentido próprio, não tendo vida, emoção ou liberdade para a espontaneidade, ficando o artista restrito a uma escola ou aceitação por um grupo. Mais uma vez, encontro uma relação entre esses dois mundos, percebo como para ambos é importante o conhecimento, mas o esvaziamento de todo um aprendizado teórico no momento do acontecer. Aprendi com Jarbas Juarez, grande desenhista mineiro, aluno do Guignard, que o artista precisa primeiro aprender a desenhar muito bem, para alcançar a liberdade de manipular as linhas e os traços, sem correr o risco de causar o “aleijão”, e assim conseguir transformar o desenho em uma criação sua.

Ana Virginia Ribeiro Machado

É meio contraditório, aprender para depois esquecer, mas somente tendo o saber e a prática poderemos obter segurança de brincar, manipular e escolher a melhor maneira de representar e elaborar nossa arte, sem transparecer todo esse processo penoso de aprendizado.

Para finalizar, trago uma fala de João Carlos Braga, em aula, que dizia:

Quando estou exercendo a prática analítica, percebo-me às vezes pensando, às vezes sendo, assim como também, às vezes não pensando e às vezes não sendo. Quando tenho êxito em pensar e ser, reconheço que conjugo duas posições básicas, a de ativamente buscar elementos; e dar-lhes um sentido e de ficar disponível para expressar a mim mesmo.

Referências

Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (2.^a ed). Imago.

Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (2.^a ed). Imago.

Chuster, A. (1996). Introdução. In A. Chuster, *Diálogos psicanalíticos sobre W. R. Bion* (pp. 13-22). Tipografia.

Costella, A. F. (2002). *Para apreciar a arte: roteiro didático* (3.^a ed.). Senac.

Lispector, C. (1998). *Felicidade clandestina*. Rocco.

Machado, A. V. R. (2006). *Natureza viva: a metamorfose da imagem* [Monografia de Pós-Graduação]. Universidade do Estado de Minas Gerais.

Read, H. (1978). *O sentido da arte* (4.^a ed.). Ibrasa.

Wollheim, R. (2002). *A pintura como arte*. Cosac & Naif.

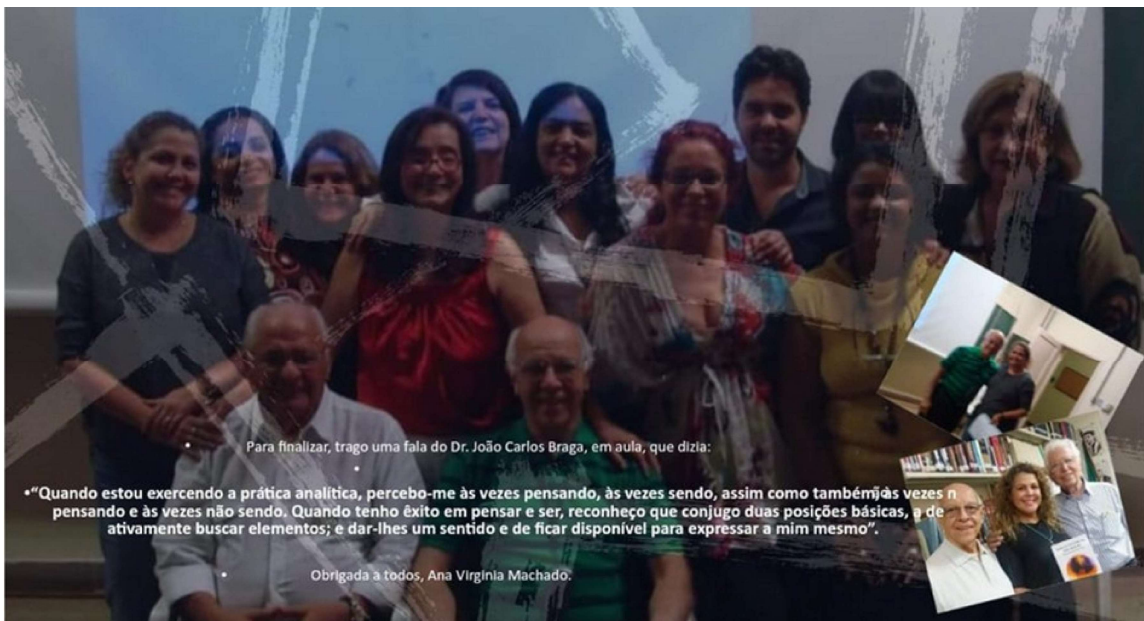
Zimmerman, D. E. (2004). *Manual de técnica psicanalítica: uma revisão*. Artmed.

Transformação da arte pictórica para a arte da Psicanálise

Anexos



NATUREZA VIVA – Exposição na escola Guignard – 2006



Finalização da especialização, Psicoterapia Vincular Dialética, de Freud a Bion – 2013